



## **A cidade monitorada: as reportagens aéreas do helicóptero Águia Dourada no jornalismo da TV Itapuan**

Anaelson Leandro de Sousa<sup>1</sup>

A cidade é o principal espaço produtor de acontecimentos. Para Rodrigues (1999) o acontecimento é tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais que ganha notoriedade pelos meios de comunicação. O jornalismo praticado nas grandes cidades recorre, em muitas ocasiões, ao uso do helicóptero para relatar os acontecimentos da metrópole por um ângulo diferente. O objetivo deste trabalho é analisar como as reportagens aéreas feitas pelo helicóptero Águia Dourada, na programação jornalística matinal da TV Itapuan, reconfiguram as narrativas jornalistas sobre a cidade de Salvador, Bahia. A metodologia empregada será a Análise de Conteúdo (Laurence Bardin, 1979). Espera-se demonstrar que tais reportagens promovem um olhar panóptico sobre a cidade e modificam o consumo dos acontecimentos diários.

**Palavras-chave:** narrativas jornalísticas; cidade; telejornalismo

A cidade é fruto da evolução social, política e econômica ocorrida nos últimos séculos. Nela estão os reflexos de uma sociedade onde predomina o lugar de atividade não-agrícola, que além do oferecimento de serviços possibilita a seus moradores diversos intercâmbios e novas relações de produção e consumo.

Os ambientes urbanos nas cidades estão cada vez mais complexos. Santos (1997) explica que esta transformação deve-se a constituição de uma paisagem cultural (obras do homem) em substituição a paisagem natural (resto da natureza primitiva). As cidades modernas são espaços cuja paisagem está em constante modificação. Santos define paisagem como tudo aquilo que nós vemos e que nossa visão alcança. É o domínio do visível; dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Porém, a definição não fica na perspectiva simplista e reduzida. Santos procura ir além indicando que a percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. “Se a realidade é apenas uma, cada pessoa vê de forma diferenciada; dessa forma, a visão pelo homem das coisas materiais é sempre deformada. Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado” (1997, p.62).

---

Graduado em Comunicação Social/Jornalismo, Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

A cidade é visual e o consumo de suas imagens é de ordem simbólica. Boyer (1994) classifica as representações visuais da cidade em período clássico, moderno e contemporâneo. A primeira é cidade como obra de arte, e está situada no século XIX. Para Costa (2006) a paisagem urbana, nesse período passa a ser um tema recorrente na pintura e na fotografia, já que a imagem está intrinsecamente relacionada à modernidade.

No período moderno a cidade amplia seus domínios e sua paisagem também se estende. É a cidade panorama. Na cidade verticalizada, metropolitana, do início do século XX, a ampliação das redes de comunicação e transporte possibilita um novo consumo visual. É a cidade do trajeto. Se a cidade como obra de arte parece ser mais uma representação pictórica, a cidade panorama é a cidade do movimento.

Por último, a cidade enquanto espetáculo é a marca da representação contemporânea. Com o desenvolvimento da comunicação eletrônica e digital mudamos a forma de consumo simbólico nas cidades. Para Costa a cidade como espetáculo surge no contexto dos desenvolvimentos tecnológicos na área da comunicação e da informática e acaba por transformar a maneira como vemos, compreendemos e representamos o mundo. A cidade espetacular é fragmentada já que é representada em forma de mosaico pelos meios de comunicação, principalmente com a ajuda da televisão.

Podemos compreender a cidade a partir da luminosidade da televisão. Partilhamos com ela a imagem do ambiente urbano complexo, resultante da relação entre pessoas e equipamentos físicos. Temos então uma cidade que se reinventa a cada instante e que produz, constantemente, acontecimentos que alteram a sua ordem.

Carlos (1996) coloca a rua como principal espaço da cidade. A ela são atribuídos diversos usos em tempos simultâneos e múltiplas dimensões: sentido de passagem; sentido de fim em si mesma, quando o seu uso se volta para a realização da mercadoria; sentido de festa; sentido de troca de mercadoria; sentido de reivindicação; sentido de moradia; domínio de gangues; sentido de segregação social; espaço para guetos urbanos (culturais); e sentido do encontro. Nas grandes cidades a rua é um importante cenário gerador de acontecimentos que são retratados pelos meios de comunicação e dispostos para o consumo de um público vasto.

Na rua se tornam claras as formas de apropriação do lugar e da cidade, e é aí que afloram as diferenças e as contradições que permeiam a vida cotidiana, bem como as tendências de homogeneização e normatização impostas pela estratégia de poder que subordina o social (Carlos, 1996, p. 86).

Podemos estabelecer, também, um diálogo entre os diversos usos que uma rua pode ter, conforme classificação de Carlos (1996), a partir do conceito de Acontecimento Urbano apresentado por Silva (2007). A autora denomina este tipo de Acontecimento como tudo aquilo que ocorre no meio ambiente urbano: passeatas, comícios, feiras, acidentes, furtos, etc. Silva define esse tipo de acontecimento como “manifestações e/ou apropriações singulares e efêmeras que ocorrem no espaço público de modo inesperado e que surgem através de escapes”. E acrescenta:

Essas apropriações estão à margem do planejamento urbano, caracterizando-se como transgressões urbanas que surgem com a finalidade de afirmar a existência de uma situação precária e que pretendem resistir diante das adversidades que lhes são impostas (SILVA, 2007, p.21).

Se a rua é protagonista físico da cidade, por outro lado, o jornalista, entre tantos outros, é o seu protagonista humano responsável por tornar visível, a partir dos critérios de noticiabilidade, acontecimentos que ocorrem nessa cidade fragmentada.

Para Travancas (2001) o jornalista é antes de tudo um habitante da cidade, pois o mundo urbano tem características e particularidades que combinam e se misturam no jornalismo. Ela destaca que a notícia é o resultado da relação jornalismo e dinâmica social.

A vida urbana não se define apenas pela grande concentração populacional e variedade de atividades econômicas, mas pela complexidade e liberdade de circulação que possibilita assim como pela intensidade com que o tempo é vivido. A base da imprensa moderna é a notícia, produto comercializado no jornal-empresa e elaborado por profissional assalariado. E se a notícia possui inúmeras definições diferentes, ela está sempre associada ao tempo e à questão do novo, da novidade. E é o tempo que transforma o novo em velho. Atrás e contra este tempo que passa mais rápido na cidade, corre o jornalista (TRAVANCAS, 2001, p.2-3).

Se antes o jornalista dispunha de tempo para percorrer as ruas em busca de pequenas ou grandes notícias na qualidade de *flâneur*, a influência mercantil da notícia, no final do século XIX, reduziu a vivência do repórter com os Acontecimentos Urbanos. O *flâneur* é um tipo de observador que perambula pelas ruas e tem nela a sua principal fonte de inspiração.. É aquele que sabe recolher detalhes da vida social e construindo através de seu potencial

narrativo uma nova percepção da cidade. O seu conceito originou-se da obra do poeta francês Charles Baudelaire. Walter Benjamin defende a atividade de flânar pelas ruas como primordial para a captura da essência da alma da cidade. Ele atribui um aspecto social desta atividade e a relaciona ao jornalismo: “a base social do *flâneur* é o jornalismo” (BENJAMIN, 2004a, p.225).

No entanto a modernização da atividade jornalística fez com que o tempo dedicado às ruas pelos repórteres fosse limitado. Walter Benjamin foi um dos principais pensadores a considerar que a industrialização da cultura empobreceria as narrativas jornalísticas.

A arte de narrar está definindo porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um "sintoma de decadência" ou uma característica "moderna". Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas (BENJAMIN, 2004, p.200)

O debate sobre a qualidade da narrativa no jornalismo bem como a relação do repórter com a rua deve ser considerado sob o novo contexto que se desenha com o uso das novas tecnologias. Interessa analisar de que forma os problemas da cidade são midiaticizados e como os fatos que acontecem nas ruas são pautados pelos repórteres. Canclini (2002) ao analisar a situação da comunicação nas metrópoles, afirma que os usos das cidades são reorganizados, pois são cada vez mais necessários os relatos dos meios de comunicação sobre o que acontece nos lugares mais distantes dentro da cidade. É preciso que seus habitantes continuem mantendo vínculo com o seu território.

Canclini configura o quadro atual da comunicação das grandes cidades deduzindo que vivemos em uma sociedade sob a vigilância dos meios de comunicação.

Do passeio do *flâneur* que reunia informações sobre a cidade para depois transferi-las às crônicas literárias e jornalísticas, passamos, em cinquenta anos, ao helicóptero que sobrevoa a cidade e oferece a cada manhã, através da tela do televisor e das vozes do rádio, o panorama de uma megalópole vista em conjunto, sua unidade recomposta por quem vigia e nos informa (CANCLINI, 2002, p.41).

Para o autor os meios que tem a tarefa de descrever e narrar a cidade, por sua vez, redesenham suas estratégias comunicacionais para estabelecerem-se em espaços concretos e mais ou menos delimitados.

Canclini alega que imaginamos e sabemos sobre a metrópole não pelas limitadas experiências diretas que temos ao viajar por ela, mas sim pelas notícias e reflexões que o olhar “onisciente” da televisão instala nos lares. Ele fala da importância que o helicóptero assume como novo instrumento de divulgação do espaço urbano. “Com o auxílio de helicópteros que percorrem a urbe, com câmeras 'no lugar dos fatos', com convidados que os viveram diretamente, constrói visões verossímeis que simulam recompor o sentido global da vida cidadã (Canclini, 2002, p. 48)

Temos então o espaço midiático sendo ocupado pelos acontecimentos – que deixam de ser apenas “Acontecimentos Urbanos” para atingir uma massa heterogênea e dispersa. De acordo com Rodrigues o acontecimento é tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais. “Quanto menos previsível for, mais probabilidades tem de se tornar notícia e de integrar assim ao discurso jornalístico” (1993, p.27).

Os acontecimentos, além de ampliados para um público vasto, são difundidos como novos acontecimento. Ele nunca se esgota em si. Para Rodrigues “ao relatar um acontecimento, os media, além do acontecimento relatado, produzem ao mesmo tempo o relato do acontecimento como um novo acontecimento que vem integrar o mundo.” (RODRIGUES, 1993, p. 31)

Alsina considera que o acontecimento é um fenômeno social determinado histórica e culturalmente (ALSINA, 2009, p.115). Ele considera que no centro dos acontecimentos não está apenas a alteração do espaço físico, mas a pessoas que nele fazem parte: “ O acontecimento jornalístico é toda variação comunicada do ecossistema, através da qual seus sujeitos podem se sentir implicados ( ALSINA, 2009, p.139).

No entanto, Charaudeau (2007) considera o potencial que o receptor tem de reelabora , de forma ampliada, o sentido que o acontecimento transmite, pois o acontecimento nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto, “ para sua significação, depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível (CHARAUDEAU, 2007, p. 95).

## **Televisão**

Embora a televisão tenha se consolidado como influente veículo de comunicação de massa e a oportunidade de construir uma linguagem específica, Marques de Melo argumenta que ao ingressarmos no século XXI ainda encontramos ambientes de exclusão comunicacional com o pauperismo cultural das grandes massas. Esses públicos identificados pelo pesquisador estão, geralmente, distanciados ou foram ou expulsas das redes educativas formais. “Os maiores contingentes humanos da América Latina se nutrem de conhecimentos efêmeros, fragmentados e superficiais somente propiciados pelas ‘escolas paralelas’ que brotam das redes midiáticas” (MARQUES DE MELO, p. 165, 2004).

Essas “escolas paralelas”, segundo Marques de Melo, tornaram os receptores ineficazes e inapetentes no sentido de atuação democrática como atores de sua própria história. Se por um lado a atuação política “desses” sujeitos pode ficar prejudicada, de outro, observamos também que a televisão pode contribuir como centro de convergência das manifestações culturais.

Para Martín-Barbero e Rey (2001) a televisão é a mídia que mais radicalmente desordena as idéias e os limites do campo da cultura. Para os autores a cultura quando desprendida do espaço local-nacional, perde seu laço orgânico com o território e a língua, que são as bases de seu tecido próprio. A experiência audiovisual também altera o modo de relação com a realidade, transformando a percepção do espaço e do tempo. Essa relação espaço-temporal parece transformar o tempo extensivo da história em tempo intensivo do instantâneo. Mas essa nova temporalidade tem o seu custo, explicam eles, como o tempo de produtos culturais que faz da descontinuidade a chave de sua sintaxe e de sua produtividade (2004, p.36). No entanto, para Martín-Barbero e Rey o que anima o ritmo e compõe a cena televisiva é o fluxo, que funciona como um continuum de imagens, que não faz distinção dos programas e constitui a forma da tela acesa.

Porém, a mediação estratégica introduzida pelo fluxo televisivo remete, acima da experiência estética, aos “novos modos de estar juntos” na cidade, às sociabilidades cotidianas que o caos urbano suscita, uma vez que, ao mesmo tempo em que desagrega a experiência coletiva, impossibilitando o encontro e dissolvendo o indivíduo no mais opaco dos anonimatos, introduz uma nova continuidade: a das redes e dos circuitos, a dos conectados (2004, p.36).

As características apresentadas aqui, nos remetem a criação de uma cultura do olhar, que se estabeleceu com mais firmeza com os meios de comunicação eletrônicos, e que se faz presente em diversos lugares. Machado chama esse fenômeno de hegemonia da imagem eletrônica: “Ela está em todo lugar. O fenômeno é múltiplo, variável, imutável, complexo e ocorre numa diversidade infinita de manifestações” Machado, 1993, p. 45).

Para Machado a tela mosaicada da televisão representa hoje o local da convergência de todos os novos saberes e das sensibilidades emergentes (1993, p. 48). Sendo assim, analisaremos a partir de agora como a televisão se revela mediadora de novos olhares sobre os acontecimentos da vida cotidiana. Diante dos muitos mecanismos de monitoramento da vida social, escolhemos trabalhar, especificamente, com o jornalismo televisivo matinal, tendo como recorte as reportagens produzidas por helicóptero em uma grande cidade.

O repórter aéreo destacado será o do programa Bahia no ar, exibido no horário das 6:30 às 7:15, de segunda a sexta-feira, pela TV Itapuan, filiada da Rede Record de Televisão, sediada em Salvador, Bahia. O programa é dividido em 3 blocos e é apresentado pela jornalista Jéssica Senra. O primeiro bloco tem em média 5 minutos e os blocos seguintes oscilam entre 15 a 20 minutos.

O Programa é o primeiro telejornal da TV Itapuan e retrata, principalmente temas policiais, esportivas, eventos, previsão do tempo e trânsito. Também há espaços para entrevistas e reportagens especiais.

As reportagens externas são originadas pela link móvel, sob responsabilidade da repórter Luana Brito, que percorre de automóvel as ruas da cidade de Salvador, enquanto que do alto, a equipe do helicóptero Águia Dourada tem o piloto da aeronave o Comandante Gamberone, o repórter cinematográfico Robson de Jesus e o repórter Walter Lima.

O período analisado foi compreendido entre 24 a 28 de outubro de 2011, num total de 225 horas de programa. A metodologia empregada foi a Análise de Conteúdo.

## **Metodologia**

Para Bardin (1977) a Análise de Conteúdo é definido como sendo um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, por procedimento sistemático e objetivo de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam uma inferência de procedimentos relativos às condições de produção recepção dessas mensagens. “Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior

rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto; as comunicações” (1977, p 31).

A autora defende a aplicação da Análise de Conteúdo (AC) para qualquer tipo de comunicação. Ela entende que qualquer que seja o transporte de significações de um emissor para um receptor controlado ou não, pode e deve ser decifrado pelas técnicas de AC. Porém, a Análise de Conteúdo, em alguns casos, permite recorrer ao auxílio de outras técnicas utilizadas em outros domínios da pesquisa. Muitas vezes, no entendimento de Bardin, o material analisado abre um leque de possibilidades metodológicas, principalmente no campo da comunicação, que permite análises nas perspectivas lingüísticas e não lingüísticas. Bardin concorda com a ampliação do método quando o assunto investigado tornar-se complexo.

Desde mensagens lingüísticas em forma de ícones, até “comunicações” em três dimensões, quanto mais o código se torna complexo, ou instável, ou mal explorado, maior terá de ser o esforço do analista, no sentido de uma inovação com vista à elaboração de uma nova técnica (1977, p.32).

Na Análise de Conteúdo, Bardin recomenda que sejam estabelecidos alguns critérios que, também, serão considerados pertinentes em nosso trabalho.

A primeira técnica a ser adotada é a Leitura Flutuante. A atividade consiste em estabelecer contato inicial com o documento a ser analisado e em “conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (Bardin, p.96).

Após a Leitura Flutuante o universo da pesquisa já pode ser demarcado sendo necessário, muitas vezes, proceder-se a constituição de um corpus. “O corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. E sua constituição implica, muitas vezes, escolhas, seleções e regras” (idem, p. 97).

Antes da utilização de qualquer técnica de análise é necessário considerar algumas regras que constituem a Análise de Conteúdo. Uma delas é a regra da Exaustividade. Uma vez definido campo do corpus é preciso ter em conta todos os elementos, não podendo deixar de fora qualquer um desses elementos por esta ou aquela razão. A regra da Representatividade pode ser representada por amostras desde que o material escolhido represente o todo.

Outra regra de igual importância é a homogeneidade, onde o material a ser investigado obedece a critérios precisos de escolha. Por último, a regra da pertinência, em que é observado se as fontes escolhidas possibilitam efetivamente a proposta de análise.



Outra ferramenta utilizada, após esse primeiro contato, será o Recorte de Texto que se constitui na delimitação das categorias ou unidades temáticas. A partir desse recorte com a fixação de categorias ou unidades, será montada a Grade Temática, cujos resultados permitirão um estudo Qualitativo e Quantitativo.

Após seguidas as recomendações de Bardin, montamos a Grade Temática com os aspectos das reportagens realizadas com o helicóptero à guisa Dourada, da TV Itapuan. Escolhemos uma semana aleatória no mês de outubro de 2011.

**Tabela 1 - Grade temática das reportagens aéreas do Programa Bahia No Ar**

<b>Dia</b>	<b>Duração</b>	<b>Tema</b>	<b>Descrição</b>
24/10/11	-	-	Não teve participação do repórter aéreo
25/10/11	-	-	Não teve participação do repórter aéreo
26/10/11	1 minuto	Policial	Tentativa de assalto a onibus na avenida Paralela. Imagens de duas viaturas da polícia militar que foram acionadas até o local;
	3 min 34 segundos	Trânsito	Em manhã chuvosa, mostra imagens do trânsito na região da Rodoviário e Av. Paralela. Mostra os cuidados que os motoristas têm com as pistas molhadas e a iluminação de segurança.
28/10/11	-	-	Não teve participação do repórter aéreo
24/10/11	1 min e 55 segundos	Previsão do Tempo	Começa com imagens da torre da TV Itapuan e em seguida entra imagens das praias de Salvador, na região da Pituba e da Barra. O repórter não faz nenhuma intervenção e a narração parte do estúdio.
	1 mim 42 segundos	Policial/acidente	Mostra imagens de atropelo próximo ao Farol da Barra e viaturas da polícia no local.(em seguida o link móvel chega ao local e constata que um jovem de 26 anos foi atropelado pelos filhos do Secretário de Saúde do Estado que estavam num total 8 pessoas no veículo)
	2 minutos e 35 segundos	Trânsito	Mostra imagens do trânsito no acesso norte de Salvador e Av. Bonocô tranquilo e sem lentidão. Anuncia que está localizando atropelo no entrocamento da Rótula do Abacaxi .

Apesar da semana ser bastante movimentada, nos primeiros dias as notícias de rua foram apenas do link móvel da repórter Luana Brito, basicamente sobre o trânsito na cidade. A repórter fez o papel de uma *flâneur* moderna que percorre a cidade sem pauta definida à procura de Acontecimentos Urbanos. Ela narra apenas o que vê durante o trajeto pelas

avenidas se colocando como a protagonista do relato. O helicóptero *Águia Dourada* e o repórter aéreo Walter Lima só aparece no terceiro dia, numa manhã chuvosa dando informações sobre tentativa de assalto e tráfego nas principais avenidas.

No dia seguinte a reportagem externa do alto não foi acionada no programa *Bahia No Ar* e somente na sexta-feira ele aparece ocupando um espaço maior com 6 minutos e 15 segundos, mais de 10% do tempo total do programa.

O Serviço de reportagem externa aérea diária teve o seu serviço inaugurado na TV Itapuan, em 2 de fevereiro de 2011, na festa de Iemanjá. É a única emissora que apresenta regularidade neste tipo de modalidade de transmissão. Em média, um helicóptero tem autonomia de voo em 4 horas e pode servir a outros programas da emissora – como é o caso da TV Itapuan que prossegue com serviço aéreo nos programas seguintes como *Alerta Geral*.

A nova modalidade de reportagem suscita um debate inicial sobre a relação que se estabelece entre o repórter e a rua. Se antes havia a limitação do espaço para que o repórter pudesse apurar determinado acontecimento, agora o serviço aéreo favorece a rapidez na transmissão do relato. Será este tipo de repórter uma atualização do repórter *flâneur* que agora vaga nas alturas por cidade complexa? A narrativa é modificada quando a dimensão do fato que é a própria cidade é observada com grande ângulo de vigilância? Sabemos que, assim como em outras instituições como a segurança pública, bancos e engenharia de tráfego, que utilizaram primeiramente as potentes lentes de vigilância, o jornalismo também se lança à aventura monitor a cidade como um “Grande Irmão”. O discurso que a mídia promove diante da cidade vigiada colabora para que um novo gênero jornalístico apareça e sugira uma nova forma de apuração de fatos que modifique a linguagem dos telejornais. Estariamos diante de um jornalismo panóptico que depende da dinâmica da cidade para vir à tona enquanto acontecimento? As dúvidas estão nas primeiras fileiras por conta das respostas que são até agora imprecisas. Mas acreditamos que os profissionais de jornalismo devem estar atentos para esta nova especialidade que requer, além da superação do medo de voar, o desenvolvimento de um olhar mais apurado para ver a cidade por inteiro.

## **Referências**

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A Construção da Notícia**. Petrópolis, Vozes, 2009

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa. Edições 70, 1977

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. Obras escolhidas, volume III. Trad, José Martins Barbosa, Hermerson Alves Baptista. 1ª edição. São Paulo, Brasiliense, 1994 b

BOYER, Christine. **The City of Collective Memory**. Londres: MIT Press, 1994.

CANCLINI, Néstor García. **Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação**. Opinião Pública, Campinas, Vol. VIII, nº1, 2002

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo, Hucitec, 1996

COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da. **O cinema e a imagem urbana. novas tecnologias e novas especialidades**. IN: Revista Acadêmica de Cinema – Digitagrama. nº 3, primeiro semestre, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2005

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006

TRAVANCAS, Isabel. **Jornalista como personagem de cinema**. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Campo Grande/MS, 2001

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo:SP, Hicitec, 1997.  
MACHADO, Arlindo. **Máquina e Imaginário**. 2ª ed. Edusp, São Paulo, 1993

MARTÍN-BARBERO, Jesus; REY, German. **Os exercícios do ver – hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. Trad. Jacob Gorender, Editora Senac, São Paulo, 2001

MARQUES DE MELO, José. **Paradigmas jornalísticos que floresceram precocemente nas Américas: as contribuições de seminários de Robert Parker e Barbosa Lima Sobrinho**. In: Revista da USP, nº 61, março/abril, p. 164-173, São Paulo, 2004

RODRIGUES, Adriano Duarte Rodrigues. **O acontecimento**. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: teorias, questões e histórias**. Lisboa, Vega, 1993

SILVA, Leticia Tabachi. **Acontecimento Urbano os escapes na cidade**. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, 2007